

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DO SÉCULO
XVI: *LE GRAND ROUTIER DE MER*

The conditions of production of a sixteenth-century discourse: *Le grand
routier de mer*

Rita Maria Ribeiro Bessa¹

RESUMO: O *Le grand routier de mer* é uma coletânea de roteiros portugueses e espanhóis da Carreira da Índia e da Carreira do Brasil que foi traduzido pelo holandês J. H. van Linschoten e publicado em 1610. Trata-se de uma obra fidedigna que apresenta as rotas e descrições de cada local de passagem das expedições com aconselhamentos e advertências. Justifica-se a importância dos roteiros traduzidos pelo momento histórico em que exploradores europeus visam a se libertar do monopólio de portugueses e espanhóis e a conquistar as rotas para as Índias. Objetiva-se mostrar as condições de produção do discurso dos roteiros traduzidos em língua francesa, dando ênfase ao contexto sócio-histórico e à constituição do sujeito que se institui como tradutor-autor e espião. Os pressupostos teóricos pertencem à linha de estudos desenvolvidos na escola francesa de análise do discurso. Amostras dos roteiros serão apresentadas.

Palavras-chave: *Le grand routier de mer*; Discurso; Condições de produção.

ABSTRACT: The 15th century Portuguese itineraries to India and to Brazil were translated into French (1610) by J. H. van Linschoten. These itineraries are basic for facilitating European Sea Expansion in the XVI Century to Oriental India and to Brazil. The discourse presents the routes and descriptions of the places and the signs found during the journey and involves many warnings and advice. The authenticity of these documents has been proved by reference to the original Portuguese documents. The analysis will be done according to the French theoretical school of discourse analysis. From this perspective, the subject and discourse are inseparable from the social-historical context. The same can be said for the notion of activity and subject's choice in the process of construction of the sense. In conclusion, the facts found in the itineraries about the subject of the *Le grand routier de mer* confirm that the translator-subject assumes many faces, as subject-translator-spy-author. Some examples will be presented.

Key words: *Le grand routier de mer*; discourse; social-historical context

1 INTRODUÇÃO

O *Le grand routier de mer* é uma coletânea de roteiros portugueses e espanhóis compilados e traduzidos por J. H. van Linschoten das línguas portuguesa e espanhola para o

¹ Doutora em Linguística. Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana. Membro do Núcleo de Pesquisa em Estudos Discursivos UFBA. Bahia, Brasil.
rita_bessa@uol.com.br

flamengo (1596) e para a língua francesa (1610). Estes roteiros foram, também, traduzidos, anteriormente, para o inglês (1598), para o alemão (1598-1600) e para o latim (1599).

Esta obra constitui uma fonte rica em situações como indicações de rotas, descrição de lugares e advertências relatadas em 161 páginas na tradução francesa (COSTA,1960, p.329). Ela foi fundamental para as expedições marítimas empreendidas pela Companhia das Índias Orientais como também para exploradores ingleses e franceses no século XVI.

Por se tratar de um texto traduzido, foi verificada, antes das possíveis investigações e delimitação do objeto de pesquisa, a fidedignidade do mesmo. C. M. Telles (1988) realizou alguns estudos sobre os textos de *Le grand routier de mer*, atestando a fidedignidade da tradução de J. H. van Linschoten (1619), assim como comparando a estrutura do discurso dos roteiros em português e espanhol.

Segundo J. Barassin (1963, p.252), foi através da tradução dos roteiros portugueses para o holandês (1596), em seguida para a língua inglesa (1598) e para a língua francesa (1610) que os navegadores foram, ao menos em parte, iniciados no mundo náutico português em direção às Índias. Quanto aos franceses, diz ele: “*Les Français à leur tour, forts de l’expérience des dieppois et malouins, éclairés par les ouvrages hollandais, partiront eux aussi sur la route des Indes*”¹. Ele diz que nos textos são apresentadas as rotas a serem seguidas na navegação para as Índias Orientais, que foram, fielmente, extraídas das memórias de J. H. van Linschoten, assim como, das observações de pilotos experientes. J. Barassin chama, também, a atenção para a “probidade de Linschoten que cita com fidelidade as fontes portuguesas” (BARASSIN, 1963, p.254).

É natural que por se tratar de uma obra que é uma tradução, tenha-se em mente, a princípio, que o seu tradutor ocupa uma posição de certa subordinação ao texto original. Porém, o que se percebe na leitura da mesma e comparando com os roteiros portugueses é que J. H. van Linschoten não apenas traduziu como acrescentou muitos detalhes das rotas e sinais que caracterizavam cada local de passagem em direção às terras descobertas e exploradas, fazendo inúmeros aconselhamentos e advertências. Para tal, A. Pos e R. M. Loureiro (1997, p.23-6) dizem que ele contou com os roteiros originais ou cópias que chegaram às suas mãos e principalmente, a partir das suas observações e experiências de viagem ao lado de mareantes em naus portuguesas, da convivência com portugueses e com espanhóis nas Índias Orientais e das suas leituras e anotações em um diário de viagens ao Oriente. Através do *Le grand routier de mer* é possível ter uma ideia da grandeza das expedições organizadas pelos portugueses e espanhóis e do patrimônio que foi deixado através dos roteiros de navegação do século XVI.

J. H. van Linschoten se institui como sujeito-tradutor dos roteiros e através das condições de produção de seu discurso, assume um papel ativo no mesmo, consolidando as suas escolhas linguísticas capazes de provocar determinados efeitos de sentido nos seus alocutores. Este sujeito que fala de determinada forma e não de outras está imerso em um contexto histórico, social, ideológico e circunstancial que delimita o seu dizer e ao mesmo tempo lhe dá a opção de fazer escolhas. Partindo deste fato, a reflexão sobre o discurso dos roteiros irá se basear em pressupostos teóricos da escola francesa de análise do discurso que parecem melhor atender à sua compreensão. Serão apontados conceitos de condições de produção. Em seguida, será apresentado ainda que de forma sucinta o contexto sócio-histórico de produção dos textos da coletânea de J. H. van Linschoten, a sua trajetória como sujeito e as circunstâncias que o levaram à tradução. Serão apresentadas amostras retiradas do *Le grand routier de mer* na sua publicação de 1619 referentes à viagem de ida e de volta à Índia escrita originalmente pelo piloto português Diogo Afonso cuja importância se justifica por ter sido o protótipo para roteiros exploratórios posteriores. Citam-se os seguintes roteiros:

II - *Cours du Voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du roy;*

III - *Navigation du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique;*

IV - *Navigation de Moçambique aux Indes;*

VIII - *Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis [sic];*

IX - *Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de malabar, en Portugal.*

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UM DISCURSO

A expressão « condições de produção do discurso » está assentada na tríade contexto sócio-histórico, memória e sujeito. Noção geradora de questionamentos diversos quanto à sua origem, como afirma J.J.Courtine (1981, p.19-37), constitui-se como peça fundamental para a análise do discurso.

Na busca de definições que esclareçam e talvez ampliem a zona de abrangência do termo condições de produção, procura-se verificar como ele se apresenta em dicionários de termos específicos da análise do discurso, como também, na literatura da análise do discurso de linha francesa.

Assim, a noção de condições de produção é apontada por D. Maingueneau (2000, p.30-1) como oriunda da psicologia social, sendo reelaborada no quadro da análise do discurso por M. Pêcheux para designar o envolvimento institucional do discurso e as representações imaginárias que os interactantes fazem da sua respectiva identidade – o lugar – assim como do referente do seu discurso. A base das representações imaginárias é o que já foi dito e ouvido – o pré-construído.

Em D. Maingueneau e P. Charaudeau (2004, p.114-5), a noção de condições de produção do discurso substitui a noção de circunstâncias nas quais um discurso é produzido, para tornar claro que aquilo que está sendo estudado no contexto é condicionante do discurso. A noção se alicerça na expressão marxista condições econômicas de produção. Em Pêcheux, apontam os autores, o termo aparece com a hipótese de que “a um estado determinado das condições de produção correspondem invariantes semântico-retóricas, estáveis” no conjunto dos discursos suscetíveis de serem produzidos. Quanto às situações objetivas do locutor e de seu interlocutor, há um desdobramento em representações imaginárias dos lugares que um atribui ao outro. As relações entre os lugares não constituem comportamentos individuais, mas dependem da estrutura das formações sociais e decorrem das relações de classe, tais como são descritas pelo materialismo histórico.

Além da definição de M. Pêcheux apontada por D. Maingueneau e P. Charaudeau, estes dizem que este termo é muitas vezes associado àquele de contexto, entendendo-se por este o conjunto de dados não linguísticos que organizam um ato de enunciação. Eles chamam a atenção para a polêmica gerada a partir desta associação, uma vez que, entre estes dados, existem aqueles decorrentes da situação de comunicação, enquanto outros provêm de um saber pré-construído que circula no interdiscurso e sobredetermina o sujeito falante. Assim, algumas dessas condições são de ordem situacional e outras de ordem do conteúdo discursivo. Maingueneau e Charaudeau finalizam dizendo que o sujeito falante é parcialmente sobredeterminado pelos saberes, crenças e valores que circulam no grupo social ao qual pertence ou ao qual se refere, como também é igualmente sobredeterminado pelos dispositivos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares, papéis e comportamentos.

H. N. Brandão (2002, p.35-7) retoma M. Pêcheux dizendo que ele é considerado como aquele que tentou fazer a primeira definição empírica do termo. A contribuição de M. Pêcheux se encontra no fato de pôr em cena os protagonistas do discurso não como seres individuais, mas como a representação de lugares determinados na estrutura de uma formação

social. As estratégias discursivas são fundadas pelo sujeito a partir das representações imaginárias, isto é, de acordo com a antevisão do imaginário do outro.

J. J. Courtine (1981, p. 19-37) diz que a noção de condições de produção tem a sua origem na análise de conteúdo tal como é feita pela psicologia social. Ele mostra, também, que, indiretamente, a noção de condições de produção pode se apoiar na sociolinguística na medida em que esta admite variáveis sociológicas, como o estado social do emissor e do destinatário e as condições da situação de comunicação, como responsáveis pelas condições de produção do discurso; menciona, ainda, com respeito ao sentido do termo, a determinação da correlação entre as características individuais de um enunciado e as particularidades de personalidade que provém da experiência do indivíduo, em situações interpessoais condicionadas socialmente.

J. J. Courtine chama a atenção para o fato de que características individuais do enunciado e situações interpessoais designam o mesmo que “sujeito da enunciação” e “situação de enunciação” e reconhece que as origens e as controvérsias que possam surgir ao se tentar estabelecer certos tipos de relação entre estes conceitos e aqueles propostos nas condições de produção de um discurso são decorrentes da falta de uma hierarquia teórica dos planos de referência da noção. Ele assume a sua definição dizendo que a noção de condições de produção descarta qualquer interferência psicologizante das determinações históricas do discurso que possa vir a transformá-las em circunstâncias ou que faça subentender interferências do sujeito do discurso como a fonte de relações discursivas, quando, na realidade, ele não passa de um efeito. Ele sugere a redefinição da noção em que se considere a análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade discursiva, articuladas com o conceito de formação discursiva.

Para E. Orlandi (2002, p.32), as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e também a memória. Se considerada em sentido estrito, as condições de produção se restringem ao contexto imediato – as circunstâncias da enunciação. Em sentido amplo, as condições de produção vão incluir o contexto sócio-histórico e ideológico.

Quanto à memória discursiva também denominada interdiscurso, pré-construído e já-dito, E. Orlandi (2002, p.32) diz que podem ser resumidos apenas em “tudo aquilo que fala antes, em outro lugar, tornando possível todo o dizer.” Segundo ela, a memória discursiva disponibiliza certos dizeres que interferem na forma como o sujeito significa:

O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2002, p.32)

S. Possenti (2002, p. 76-8) mostra que o incômodo dos analistas do discurso em relação ao termo condições de produção gira em torno das associações feitas entre ele e o sentido de circunstâncias, termo atribuído, sobretudo à pragmática. O distanciamento entre os termos permite que o funcionamento do discurso seja inserido em instâncias enunciativas institucionais, marcadas pela história. Na visão de S. Possenti, se a análise do discurso rompe com a noção de circunstâncias a consequência imediata recai sobre o sujeito e a noção de intenção. No caso do sujeito, qualquer aspecto ligado a acontecimentos circunstanciais imediatos da enunciação que possam denotar certo controle do sujeito é descartado. No caso da intenção, a não transparência do material discursivo apresentado pode ter seu sentido esclarecido recorrendo-se a fatores relevantes da circunstância, através dos quais ou da sua combinação com o que é dito, permite-se o acesso à intenção do locutor.

S. Possenti mostra a dificuldade de se conceber um sujeito que possa controlar seu discurso, se este provém da história e de outros discursos e que é regado por instituições que têm um funcionamento que independe dos sujeitos que nelas estão inscritos. A sua posição se coloca nos seguintes termos transcritos de suas análises:

o abandono absoluto da noção de circunstância é desnecessário, podendo mesmo representar um equívoco, tanto do ponto de vista empírico quanto do ponto de vista teórico. Seria mais adequado inserir a circunstância, ou melhor, características específicas das circunstâncias no próprio quadro da história.

Mais especificamente o que proponho é que a teoria do discurso deveria incluir a história que se dá na própria instância do discurso, e não apenas a história que explica a instância do discurso. (POSSENTI, 2002, p.76-8)

No elenco de definições de *condições de produção* mencionado acima, opta-se por falar, ainda que de forma breve, do *sujeito-tradutor* no contexto sócio-histórico de produção do discurso de *Le grand routier de mer*. Serão apresentadas, também, as circunstâncias que levaram este *sujeito* a escrever os roteiros a partir de suas memórias e a traduzi-los para o holandês (1596) e para o francês (1610), como também, as faces assumidas por ele dentro do contexto de produção do seu discurso. Para analisar o discurso de *Le grand routier de mer*,

retomam-se as palavras de S. Possenti: “a teoria do discurso deveria incluir a história que se dá na própria instância do discurso, e não apenas a história que explica a instância do discurso” (POSSENTI, 2002, p.76-8).

3 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE *LE GRAND ROUTIER DE MER*

O discurso produzido pelo holandês J. H. van Linschoten desperta grande interesse devido à inegável importância histórica que ele teve, no final do século XVI e início do século XVII, momento em que expedições marítimas eram organizadas pelos europeus para explorar as Índias.

Os fatos históricos, sociais e econômicos que envolveram Portugal, Espanha e Holanda naquele momento são constituintes da memória discursiva que permeia o discurso de J. H. van Linschoten no *Reys Gheschrift van de Navigatien der Portugaloyzers in Orienten* (POS;LOUREIRO,1997, p.16), tradução flamenga dos roteiros, cuja edição francesa foi denominada *Le grand routier de mer*, publicada em 1610.

Segundo H. Post (1960, p. 124-5), em 1594, o Rei Filipe II da Espanha proíbe todos os navegadores, marinheiros e navios holandeses e zelandeses de se dirigirem à Índia e ao Brasil. Esta atitude foi tomada devido à intenção dos holandeses de irem buscar os produtos orientais de que foram privados nos portos portugueses por ordem de Filipe II.

Esta proibição reforçou vários embargos anteriores pelos quais o monarca, desde 1580, tentava sufocar a revolta e desestimular o comércio nos Países Baixos. A sua política econômica se baseava em que na navegação holandesa para Portugal e para a Espanha, de acordo com os contratos de frete firmados entre os anos de 1591 a 1602, não houvesse registro do transporte de pimenta nem de outros produtos orientais a partir do porto de Lisboa.

Dentro deste contexto histórico, J. H. van Linschoten, que havia retornado à sua terra natal após doze anos (1580-1592) na Índia trabalhando ao lado de portugueses, tinha consciência do tesouro que guardava vivenciando experiências de navegadores, fazendo anotações, observando comportamentos e hábitos, recolhendo cuidadosamente um vasto conjunto de informações sobre o Oriente: a geografia, a botânica, a etnografia, a política, a cultura e o comércio, além de aceder a documentos oficiais com o prestígio que o cargo que ocupava ao lado do Arcebispo de Goa D. Vicente da Fonseca lhe permitia.

Com a morte do arcebispo de Goa e com a sua perda de prestígio, este sujeito que ambicionava ascender socialmente e financeiramente não tardou a reacender amizades antigas

e influentes que o inseriram no meio político e que permitiram inclusive que ele conhecesse e se casasse com uma nobre.

Nesse momento, ele começa a escrever as suas memórias. Algumas dessas amizades antigas e influentes o introduzem no meio político onde o seu conhecimento é difundido e a partir de então ele é interpelado em sujeito-tradutor responsável por indicar a seus compatriotas os caminhos para todos os portos e costas do Oriente e informar os comerciantes acerca dos povos e produtos que lá podiam ser encontrados. Com o ambiente receptivo às suas vivências e relatos, não tardou para J. H. van Linschoten ficar conhecido como um dos maiores peritos de navegação do país. Ele se tornou fiscal mor dos Estados Gerais e do Príncipe Maurício de Nassau. Quando foi chamado em Haia para relatar os sucessos da viagem ao Príncipe Maurício de Nassau e ao chefe do governo da República, o respeito e a consideração por J. H. van Linschoten aumentaram.

O lugar ocupado por este sujeito é bastante interessante, pois sem dúvida, se por um lado ele foi fiel às informações dos roteiros originais portugueses, teve também a liberdade de escolha do que dizer e como fazê-lo, ainda que condicionado pelo discurso original português e pelo contexto de produção de seu discurso. Como conhecedor do universo português e espanhol na Índia, ele pôde acrescentar informações que facilitariam e protegeriam os seus compatriotas. A sua atitude enquanto sujeito é bastante ativa: ele acrescenta e detalha informações, adverte e aconselha através de recursos expressivos diversos que vão permitir provocar o efeito que deseja nos seus alocutores. Ele não constrói um discurso interpelado apenas por um já-dito, assim, de sujeito-tradutor, ele pode ser concebido também como um *sujeito-tradutor-autor-espião*. Ao lado do que poderia fornecer a partir da memória discursiva, havia as informações que singularizavam os seus dizeres. Estas eram oriundas do que se pode chamar de “memória enunciativa”, ou seja, a memória viva e dinâmica do sujeito que experienciou o dito:

*Alors vous surviennent estant a quatre degrez au Sud, beaucoup de tonneres, eclairs, & fortes pluyes, iusques a quatorze degrez: cela se void ordinairement en feburier, comme ie l' ay experimenté*ⁱⁱ (DA, CICBE, p.16, L. 21-24).

*S'il vous advenoit de trouver sur ce cours asçavoir au dessus de treize degrez plusieurs Garagians volans par troupes les uns pres des autres, ne craignez pas pourtant de poursuivre vostre cours: & s'il est tard en saison, tenez vous tousiours du costé du Sud pour éviter les bancs appelez Os baixos de Lupo Soares & les Garagians qui sont a treize degrez. Tenant ce cours vous pouvez hardiment singler tant de iour que de nuict sans craindre, car ie say par experience qu'on n'y rencontre rien.*ⁱⁱⁱ (DA, NMD, p. 18, L. 1-7).

Assim, os fatos apresentados conduzem a análise dos roteiros franceses a uma proposta teórica que parece conciliadora de premissas existentes em estudos discursivos. Opta-se pelas ideias expostas anteriormente segundo S. Possenti onde é sugerida a possibilidade de coexistência da voz do *outro* (o interdiscurso) com a voz do *sujeito-de-direito-tradutor-espião-autor*.

Serão apresentadas amostras dos roteiros da Carreira da Índia onde se atesta que aquilo que é dito na tradução não consta no original português. Nos três primeiros exemplos, verificam-se claramente da presença ativa do sujeito, através de marcas como *moy, ie, mon* em situações de aconselhamentos e de advertências:

S'il vous advenoit que vous vous trouvissez environ le dixiesme de May peu plus ou moins en la contree des dites Isles de Tristan da Cunha, vous ne passerez point au dessus de trentecinq degrez, à l'occasion des vents de Ouest qui en ce temps la y sont fort vehemens & impetueux, notamment au temps de la nouvelle Lune: ce qui vous pourroit bien faire rebrousser chemin, comme il advint au Navire de Bom Iesus, qui fut engloti des vagues par la force & furie du vent, comme moy aussi ay veu advenir le mesme a Diego Alfonso, estant sur le Navire de S. Claire (DA, CVI, II, p. 5, L 3-10).^{iv}

[...] & quant au reste du chemin depuis la dite Ligne iusques en Portugal il est assez usité & cognu des communs mariniers. Que si on desiré le cognoistre, on peut lire ce qui en a esté dit ci dessus & qui a esté signé, comme aussi ce qui en a esté représenté en la description de mon voyage & retour des Indes en Portugal, ou il en est fait particuliere mention (DA, NMD, p. 18, L. 53-4 ; p. 19, L 1-4).^v

Si tost que vous commencez a passer l'Isle de S. Laurent, prenez le cours susmentionné: Et quand vous commencez pourtant vous adverti-ie de vous tenir tousiours pres de la coste vous en aurez meilleur voyage [...] ^{vi} (DA, CVI, p. 16, L. 39-43; p. 17, L. 1-4).

Nos exemplos abaixo, o sujeito faz uso de enunciados explicativos para facilitar a compreensão dos exploradores, visto que sabia que aquelas informações sobre as rotas não faziam parte do conhecimento de mundo deles.

Et si estant en ceste hauteur, vous desirez avoir la veue du pays, ne vous tournez point de l'autre costé, mouillez hardiment l'ancre iusques a ce que le vent se renforce pour poursuivre vostre voyage. Sachez aussi que les courans du costé du Bresil, Cap de Saint Augustin, & ceste contree, ont leur cours vers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant ie vous conseilleroy pour le mieux de ne point aller de

lof: car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal^{vii} (DA, CVI, p. 3, L. 45-6 - p. 4, L. 1-6).

Pour cognoistre si vous estes pres des dites Isles, vous aurez ces signes, asçavoir certains oiseaux volans ensemble cinq a cinq: & de la plus outre vous verrez d'autres oiseaux nommez Feignons par les Portugais, & iceux tachetez de marques blanches & noires. Estant Sud & Nord à l'endroit de ces Isles vous verrez flotter sur l'eau certaine espece d'herbe appelle par les Portugais Sargasso, semblable a peu pres à celle qui se trouve pres de Wieringhen en Hollande^{viii} (DA, CVI, p. 4, L. 16-22).

[...] & venant a vingt degrez vous y trouverez pour signes assurez des Garagians & Alcatrases qui sont oiseaux semblables a des Aigles de mer, alors tenez vous un bon cours: et si vous n'appercevez point ces oiseaux, vous aurez a prendre garde a vous car vous estes pres de l'Isle de Saint Laurent, ou sur les bancs de la coste Soffala; & si vous voyez plusieurs oiseaux, vous n'estes qu'à dix lieues des susdits bancs de Iudia: desquels plus vous destournerez dressant vostre cours au NordEst, & NordEst tirant sur le Nord iusques a ce que vous, soyez parvenu a dixneuf degrez & un quart: & lors vous singlerez au Nord iusques a dixhuict degrez^{ix} (DA, CVI, p. 6, L. 2-11).

[...] Mais venant à trentecinq degrez & demi vous ne verrez plus tels signes & indices, mais bien quelques Oiseaux grands comme Corbeaux, ayants le plumage noir, & le Bec blanc & plat, lesquels ne volent point plus loing du Cap de Bonne Esperance que vingt ou trente lieues. On y void aussi quelques autres Oiseaux gris que les Portugais appellent Alcatrases. Tels sont les vrais signes & indices du Cap de Bonne Esperance iusques au Cap das Agulhas^x (DA, CVI, p. 4, L. 40-47).

Ainda como marcas da atividade do *sujeito-tradutor* nos discursos dos roteiros, destacam-se, nas duas *Carreiras*, nomes próprios dos locais e dos sinais por onde as naus passaram ora mantidos em língua portuguesa, ora traduzidos, como também, colocados parte em língua portuguesa e parte em língua francesa e até mesmo em língua espanhola.

A. Pos e R. M. Loureiro (1997, p. 42) dizem que J. H. van Linschoten viveu em uma região onde era muito forte o contato entre línguas diversas, o que enriquecia em muito o vocabulário luso-asiático. Muitos desses termos foram traduzidos para o flamengo, sendo mais tarde incorporados ao vocabulário neerlandês. Contudo, alguns vocábulos específicos da navegação, do comércio, da cultura, da fauna e da flora, como também, de locais, foram traduzidos em parte ou foram feitas adaptações ortográficas.

Allant de Lisbonne en l'Isle de Madere vous dresserez vostre cours au SudOuest, & irez recognoistre l'Isle de Porto Santo, & de là singlerez entre l'Isle Deserte & Madere, vous gardant des petites Isles ou escueils nommez Os Salvagiens qui gisent à deux lieues de Madere au SudOuest, car il n'y a là que bancs qui de nuict sont fort dangereux: On peut passer le loing d'iceux du costé de l'Est, tenant vostre cours vers les Canaries (DA, CVI, p. 3, L. 1-7).

Quand vous venez au Cap des Aiguilles, ou plus outre, prenez garde à l'eau, & si elle se trouve verte retournez au trentesixiesme degré & demi, & iettez la fonde, & vous trouverez trente brasses, & estant au trentesixiesme degré & deux tiers vous trouverez nonante brasses, & ne verrez pas beaucoup de corbeaux a blanc bec, ni d' Alcatras: vous en verrez beaucoup a l'un & l'autre costé dudit Cap da Agulhas tant en la coste qu'a vint lieues de la en pleine mer mais point plus loin : si longtems que vous ne venez point sur la dite profondeur vous trouverez l'eau claire & verdastre avec de lescume de mer flottant dessus[...](DA, NMD, p. 18, L. 31-9).

Outro aspecto a ser observado é que o sentimento patriótico de J. H. van Linschoten ia apenas até o limite de seus interesses. Na posição de *sujeito-tradutor-autor-espião*, ele estava longe de um servilismo irrestrito ao poder monárquico que comandava a sua terra natal. Quando partiu em viagem para a Índia pela rota do norte a serviço de holandeses, na posição de fiscal mor a bordo da nau Mercúrio, teve que assumir o fracasso do percurso que havia sugerido. Este acontecimento abalou fortemente o seu prestígio, principalmente porque em 1597 três dos quatro navios que tinham partido em 1595 para a Índia pela rota meridional regressavam com sucesso, trazendo um grande carregamento de produtos orientais. J. H. van Linschoten nunca desistiu das ideias que lançava, pelo contrário, diante do fato, usou das amizades que possuía para continuar prosperando nos seus objetivos pessoais e profissionais. Traduziu assim os roteiros para outros exploradores. Cabe então questionar se na sua posição ativa no discurso ele teria dado as mesmas informações a franceses e ingleses. Como duvidar do poder de manobra deste sujeito que se por um lado é efeito, se é atravessado por outros discursos é também um sujeito do aqui e do agora?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se retomar conceitos de condições de produção, elegendo para respaldar as análises do discurso de *Le grand routier de mer* o contexto sócio-histórico e a questão do sujeito. As análises permitiram, sobretudo, uma reflexão mais ampla sobre a noção de sujeito onde, ao lado de conceitos cristalizados na escola francesa de análise do discurso, foi proposto, através das colocações apresentadas por S. Possenti, uma nova possibilidade de leitura da noção que agrega a possibilidade de concepção de um sujeito ativo no discurso, que pode fazer escolhas e manipular o dizer ainda que dentro de limites que são estabelecidos pela formação discursiva. Estas reflexões conduzem o analista a repensar a sua prática, visto que cada discurso pode levar a caminhos que exijam uma ampliação teórica que ultrapasse limites pré-estabelecidos.

5 LISTA DE ABREVIATURAS

CICBE	Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis. [sic]	Linschot 1619: 16-17
CVI	Cours du voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy.	Linschot 1619: 3-6
DA	Diogo Afonso	
NMD	Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de Malabar, en Portugal.	Linschot 1619:17-19

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARASSIN, J. Jean Hugues Linschoten. *Studia*, Lisboa, v.11, p. 252, 1963.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. Condições de produção e situação de comunicação. Trad. Dilson Ferreira da Cruz Júnior. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Trad. coord. por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. La noción de condición de producción del discurso. In : _____. *Análisis del discurso político (el discurso comunista dirigido a los cristianos)*. Trad. María del Carmen Saint-Pierre. Fortune City, Web Hosting, Domain Names, Photo Album, 1981. p. 19-37.

LINSCHOTEN, Iean Hvgves de. Le grand routier de mer. Nouv. trad. De flameng en François. In: Id. *Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent descouverts par le portugais....* 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso; princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel. *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso; ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI*; edição do manuscrito FP56 da BNP. Doutorado em Linguística Histórica – USP, São Paulo, 1988. Orient: Prof^a Dr^a Edith Pimentel Pinto.

NOTAS EXPLICATIVAS

Os exemplos retirados dos roteiros portugueses tiveram a ortografia atualizada, não comprometendo o sentido nem a função atribuída no artigo.

ⁱ Tradução: “Os franceses por sua vez, certos da experiência dos navegadores de Dieppe e de Saint Malo e bem orientados pelas obras holandesas, partirão, também, para as Índias.”

ⁱⁱ O roteiro português de Diogo Afonso não menciona esta passagem

ⁱⁱⁱ O roteiro português de Diogo Afonso não menciona esta passagem

^{iv} O texto de Diogo Afonso traz: Se for caso que te aches a dez dias de Maio, pouco mais ou menos, com estas Ilhas de Tristão da Cunha, não passes de trinta e cinco graos pera cima, por quanto entram aqui os ponentes em Maio, e trazem grande força. E mais se for sobrelua nova, porque te não aqueça o que aqueço ao Bom Jesus, que o comeo o mar e o tempo (TELLES, 1988, p. 99, L.9-12 ; p. 100, L. 1-2).

^v O texto de Diogo Afonso não traz esta passagem.

^{vi} O roteiro português de Diogo Afonso não menciona esta passagem.

^{vii} O texto de Diogo Afonso traz: “Se for caso q(ue) te aquecer q(ue) fores ver a terra nesta altura, não te faças noutra volta. Surge aqui cõ a nao, q(ue) os ventos te alargarão a fazeres o teu caminho. Mas <h>as de saber q(ue) nesta travessa do Cabo de Santo Agostinho pera o Brasil, corre as aguas pera as Antilhas. E, portanto, não cures de fazer volta, porq(ue) se a fizeres será tornares caminho de Portugal” (Telles, 1988, vol I, p. 95, L. 7-12; p.96, L. 1).

^{viii} O texto de Diogo Afonso traz: “Pera saberes se estas perto das Ilhas, quando açhares os entenais de çinco em çinco, es cõ elas. E d’aqui te seguirão os feijões, q(ue) são humas aves pequenas da feição de pegas pintadas. E quando estiveres norte sul cõ elas, açharas sargaço” (Telles, 1988, vol I, RNPI, 97, L. 1-5).

^{ix} O texto de Diogo Afonso traz: Vindo demãdar os Baixos da Iudia, pera seres çerto se es cõ eles, qoando fores em 20 e dous graos, açharas muitos alcatrazes e grajaos: vees bem navegado. E se não vires nenhua cousa destas, olha por ti, ou es cõ São L(ou)r(en)ço, ou cõ o Parçel de Sofala. E vendo as aves muitas, não es mais de seis legoas dos Baixos. Governa ao nornordeste 30 e çinco legoas, e depois governa ao nordeste 25 leguas, de man(ei)ra q(ue) faças o caminho ate dezanove graos e hum quarto. E depois governa ao nornordeste ate dezoito graos [...] (Telles, 1988, vol I, p. 103, L. 11; p. 104, L.1-7).

^x O texto de Diogo Afonso traz: Vindo demãdar os Baixos da Iudia, pera seres çerto se es cõ eles, qoando fores em 20 e dous graos, açharas muitos alcatrazes e grajaos: vees bem navegado. E se não vires nenhua cousa destas, olha por ti, ou es cõ São L(ou)r(en)ço, ou cõ o Parçel de Sofala. E vendo as aves muitas, não es mais de seis legoas dos Baixos. Governa ao nornordeste 30 e çinco legoas, e depois governa ao nordeste 25 leguas, de man(ei)ra q(ue) faças o caminho ate dezanove graos e hum quarto. E depois governa ao nornordeste ate dezoito graos [...] (Telles, 1988, vol I, p. 103, L. 11; p. 104, L.1-7).

Recebido em 15 de junho de 2012.

Aceito em 02 de julho de 2012.